

Villas-Bôas Corrêa

O Presidente José Sarney tem falado pouco, anda caladão e mais para o triste, como quem curte as suas preocupações em silêncio e matura decisões importantes.

Alguns sinais, dis-simulados ou de decifração mais simples, insinuam o que afinal ficou evidente na última reunião do Conselho Político. O Governo do Presidente José Sarney prepara-se para inaugurar uma segunda fase, depois que transitou em julgado a conclusão de que a primeira, que teve os seus altos e baixos, já não tem mais nada a oferecer.

Impaciências com o desempenho pândego da sua leviana e desmiolada base de sustentação no Congresso, as inconfidências que vazam do Palácio do Planalto e dos círculos domésticos sobre o desempenho medíocre de uma boa fatia do Ministério, a insatisfação com o baixo rendimento do monstrego burocrático, tudo isso são sinais de fumaça que identificam um estado de espírito que se enclausura para a montagem do esquema de mudanças. Como o segredo é impossível diante do pipocar dos indicadores, sempre se podem juntar as peças de um quebra-cabeça.



Uma tentativa de análise do temperamento do Presidente ajuda a decifrar a charada que está sendo armada nas horas sofridas das íntimas meditações e nos disfarçados instantes em que a ansiedade vem à tona, mascarada em especulações para o consumo dos mais próximos. Um dos ministros de mais longa e fraterna convivência com Sarney assinala com traços da sua personalidade, da sua maneira de ser, a rapidez na avaliação da necessidade das decisões e as delongas, as hesitações, as cautelas em começar a executá-las. Sarney decide com lucidez e ligeireza ante um diagnóstico que reconheça a imperiosa necessidade de alterar o rumo do que não está correspondendo. Mas gosta de prolongar o exame de detalhes, de ouvir opiniões até que pouse a certeza firme da melhor opção.

No caso, o estilo do Presidente ajusta-se como uma luva ao calendário político. Não seria sensato bulir no Governo em cima de uma eleição. Nem logo depois de divulgados os seus resultados. Afinal, sempre é preciso algum tempo, depois da balançada das urnas, para que a poeirada baixe e chegue a hora de espanar o pó e varrer o lixo. Essas eleições desatadas pelo oportunismo casuístico do PMDB, pela demagogia e a incompetência abreviaram de um ano a dissolução da Aliança Democrática. Vão redesenhar o mapa político do país, abalando lideranças, aluindo a autoridade e o prestígio de uma penca de governadores derrotados, criando novas afirmações de comando nos Estados.

Nada mais oportuno, portanto, do que edificar o

novo Governo em cima das estruturas estaduais revisadas pelo voto.

Mas não é só isso. O que parece essencial é que o Presidente Sarney improvisou um modelo provisório de Governo diante do desafio inesperado de superar a rejeição popular que se insinuava na onda de decepção que cresceu nos dias do calvário do Presidente Tancredo Neves.

Sarney ganhou a primeira parada. O Presidente humilde, que parecia pedir desculpas ao povo pela frustração pela qual não era culpado, soube tirar partido de uma esperta manipulação da técnica do contraste. A imagem de um Presidente, que trabalhava em expediente infatigável, que reunia os ministros, que convocava os experientes e as lideranças para buscar conselhos, justapôs-se às lembranças recentes e de um envergonhado constrangimento. Os índices de popularidade de Sarney atingiram recordes surpreendentes. O Governo afirmou a sua opção pelos pobres, assinalou uma permanente preocupação social, redescobriu o Nordeste. Até a inflação vergou a crista, como a querer ajudar a uma transição sem nenhuma outra saída alternativa.

Mas, isso foi um expediente transitório. Funcionou na primeira hora, ajudou a vencer o susto, afastou o fantasma de desestabilização do governo de emergência.

E agora? Pois souo o momento de o Governo cunhar o seu modelo definitivo para o trecho mais

acidentado e difícil da caminhada. O Governo tem pela frente a Constituinte, a definição do seu mandato, a montagem do regime sonhado na mobilização das ruas e um quadro de crescente e ameaçadora indisciplina social. Ninguém mais se conforma em esperar. A impaciência, a cobrança urgente são algumas das marcas desses dias tensos.

É de uma clareza das manhãs limpas da serra que o Governo necessita cunhar o seu brasão. Passar para o povo um recado singelo e de entendimento instantâneo que defina a sua meta e resuma o seu objetivo prioritário. Todo governo popular ficou gravado na memória dos tempos por uma frase, uma sentença com a força do slogan. Desde o "Pai dos Pobres" do velho e astuto Vargas aos "50 anos em 5" do risonho JK.

Sarney definiu a sua opção pelos pobres, a prioridade do social. Mas isso ficou nebuloso, vago, fluido. Nem sequer a opinião pública recolheu a forte impressão de que o Governo se engajara por inteiro num compromisso de fé, liderado por mão firme.

Não dá para esperar muito. E, pelo visto, o Presidente Sarney entendeu que é a sua vez e hora de começar o Governo adulto, com fisionomia reconhecível e uma linha de prioridades legitimada pela coerente ação administrativa.

Está tudo aí mesmo ao alcance da mão: o momento certo, a sacudida política da eleição abilolada e imperativa mexida no Ministério imposta pela desincompatibilização. O Governo atravessa um daqueles instantes em que ou se encontra ou se perde de vez.